

***PLANTANDO
LETRAS***

Livro 57

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



SOBRE UM SOMBRIO FUTURO

Por conta desse cotidiano, não haverá mais aposentadorias tranquilas, nem a imersão nos silêncios, serão automatizadas as ordens, nem os mais lúcidos aceitarão o isolamento sem queixas. Os privilégios da existência sairão mais caros e a escassez abundará. Poderemos dissecar a paciência. Até os encontros mais fúteis terão limites estabelecidos ficando vedada a improvisação e a euforia desmedida. Não serão mais necessárias memórias disponíveis, as lembranças caminharão sós, sem regência e sem contexto. Haverá certezas despossuídas, doçuras singulares, imprevisíveis, aceitadas, a perturbação diversificada entrará minorando importâncias, instalando dispersão de energia e a dissolução nos encontros.

Os afetos caminharão dispersos e confusos, serão diminuídas as fronteiras entre a alegria e o penar, a agonia ensaiará desistências dando sentido à morte, tirando a vontade da vida.

PALAVRAS GUARDADAS

Alimento minhas palavras, não as que concorrem primeiro, mas as que se escondem, fieis à minhas lembranças, como uma novidade que traz orgulho. Outras, como as demais, se agrupam para compor um abandono, a dor, uma utopia, uma declaração, uma angústia nova ou velha.



AS QUEIXAS

Se eu choro, se eu sofro, padeço atônito vendo esse tempo gasto me acenando gestos de resgate. Fico à espera de alguma influência que aumente a duração da minha vida.

CLARAS FORMAS

A proposta e a consulta são claramente um absurdo que toca na ferida e auxilia o crescimento da dor, da perda dos ritos, da insônia que testemunhou os gozos. Comprovo a perda de oportunidade, já não sacio a minha fome de amor contigo, já a ausência pratica o lugar da tua hospitalidade e a saudade o da celebração. Capturo a realidade, tento domesticá-la, dar-lhe um rosto familiar para diminuir a ameaça. Eu quero voltar, me falta levar o coração para a cama. Sou parte de uma verdade, não te digo nada da outra parte porque é só vazio, lugar sem companhia onde se abrigam as tristezas.



SOLITÁRIOS FANTASMAS

Surpreendentes rostos acumulam caras tristes, passam com traços de ex-belezas, como se chorassem sem lágrimas, ninguém saberá por que, por quem. A começar por mim, se me debruça um fantasma a cada passo, me acompanha, não sei de quem se trata,

nem porque não se esquece de mim. Deixa vaziar certa solidão, não recorda quem foi, perdeu o rumo, desconhece a si próprio, buscará alguma orientação, estará tentando reconstruir alguma história, algum caminho? Tenta contar-me algum extermínio, teria morrido de fome ou bala perdida? Algum tumor, febre amarela, diarreia? Órfão ou abandonado pelos seus engordando estatísticas, por acaso ou de propósito, suicídio ou morte natural? Nu ou vestido? Volta para dizer que o pior já passou, ou para avisar que ainda está por vir?



DUAS GARDENIAS

Dispensar os jardins suspensos, quero todas as flores em minhas mãos. Destituirei o adeus definitivo voltando quantas vezes precisar. Nego-me a acumular, não quero ter mais perdas. Economizo a memória, sonharei com o que valha a pena. Só falarei com quem me escute. Admiro sem esperar retorno somente a lua e a paz dos cemitérios.

TESTAMENTO FANTASIADO

Espíritos soberanos armazenados reaparecem no rascunho do meu testamento. Contam todas as vezes que suspiro, descontam os batimentos que ainda faltam ao meu coração. Enlouquecidos, não decifram os códigos da minha alma, que, desobediente, sai por aí sonhando travessa e qualitativa, não aceitando as renúncias, querendo somar as belezas ainda por ver. Essa minha alma não se habitua à aposentadoria, à dor no peito pelo luto crônico. Apressa a pressa, caminha devagar, prudente e cautelosa, cuidando do dia a cada dia.

Deixo as orações para aqueles que me encomendem a alma. Descrente, cedo um pouco do calor do inferno para a paz fria do céu, convoco os tolerantes do purgatório a festejar as penas brandas do limbo. Fecho minha viagem sabendo que eu e ela viraremos pó, por aqui.

A PENA

Vale a pena guardar o lado bom do pecado, o quase amargo do mel, a casca que guarda o principal da fruta, a vantagem da não ida, a descoberta do ficar. A vantagem da cópia, o adiamento nas atropeladas urgências, a luz que devolve, iluminados os sonhos. Embora as evidências mandem quebrar todos os espelhos, o tempo me pede para vestir as guardadas roupas de domingo, a companhia das estrelas. Invento-me divertido quando não posso chorar; faço de tudo e um pouco mais no desconcerto.



AMANHECER

Esse amanhecer que se aproxima provoca escândalo nas minhas mal distribuídas lembranças. Exorta uma alegria desafinada com a demora. Busco um viver frequentado. Encho de jasmims todos os canteiros que ousem ficar por perto, recolho os arquivos mortos sem

violar as leis fundamentais, arranco a melancolia do crônico lugar, animo o passado para haver, outra vez, uma vontade caudalosa que torne frequente o desejo de viver sem poupar a vida.

Harmonizo os arredores. Um forte vínculo me compromete a ter sonhos, enriquecer-me pelos olhos que veem o que existe na natureza, as inclinações das águas e das árvores.



VERSOS

Invento um sonho novo, cumpro desejos. Um suspiro de alívio anula a dor investida e a ofensa ofertada. Caio na tentação de liberar todas as sensibilidades, desabituar-me das autorizações. Abordo a solidão oferecendo-lhe uma companhia. Torno mais profundas as expectativas, faço extrema a próxima vivência, desato a história emperrada pelas penas ali deixadas, limito o espanto, realizo atos que me convenham. Dou ao verso extraviado uma canção.

PORTADOR

Sou portador de acumuladas esperanças. Vejo a enorme vida que, gritando, sai de mim, foge pela boca, olhos; nas mãos, as saudações. As lágrimas vêm para ficar, todos os dias. Tenho uma urgência que me pede a tua presença. Evidentes faltas me convertem em um extenso vazio.



EU E O MENINO

Segue havendo dentro de mim um menino, que brinca com os olhos, com as fantasias, com os dedos; só, mas intimista, mas disfarçado. Olho para ver onde as pessoas estão olhando, ouço o que dizem e para quem dizem, nem sempre entendendo o que querem dizer. Experimento todos os pares de sapatos e os sorvetes da vitrine e me imagino beijando a boca bonita que passa sem me ver. Dissolvo algumas cobranças fingindo não serem

para mim. Promulgo algumas leis que façam justiça, elimino os castigos, me exonero dos deveres absurdos, não pago as dívidas que não contrai, aceito todos os ruídos que meu corpo ordena sem vergonha, exploro o terreno do próximo passo; meus joelhos agradecidos caminham mais firmes e calmos. Não acredito em anjos, mas gostaria de suas companhias. Estimo e xingo convicto, ainda que sonhando. Facilito o impossível, não gosto das despedidas. Omito-me para evitar o pior e falho quando não consigo. Tropeço no escuro e mantenho o medo de odiar, tamanho o ódio. Altero o que não é permitido quando não concordo com a ordem e com quem ordena. Por interesses particulares, faço sociedade com a mentira. Governo-me melhor de dia que à noite, quando há menos fantasmas e menos ameaças. Abandonei a fé que não entendia, o ritual que só repetia.

Faz agora muito tempo que trocamos recíprocas e íntimas confidências; o menino e eu.

FONTEIRAS DO MEDO

Fundo uma nova saída possível, árdua e morosa. Movimento o que é como um jogo real. Acabo em uma companhia fugaz que me fita com ávido olhar, espreitando uma reação, alguma comoção, alguma indignação, um espanto munido de força revolucionária assemelhada a outras questões importantes da vida e da morte.

Transpostas as fronteiras do medo, entro imprudentemente numa espécie de torpor, confundindo os sonhos, as opiniões, as questões da mesa sempre postam, da cama sempre arrumada, segregando-me de parte do mundo que respira e sobrevive sem ser visto.



CAMINHOS SECUNDÁRIOS

Venho para dirigir meus passos, controlar o segredo que me equilibra. Oculto a fonte sem deixar vestígios do caminho das pedras. Não tivesse deixado marcas, nada haveria. Sempre escolho um caminho secundário, considerando o mais seguro. Levo comigo algumas histórias que provam o contrário.

VIM COMO PUDE

Vim devagar porque não posso mudar tanto o rumo. Temeroso, venho limitando a pena, perdido, sem estender a oportunidade a todos, como eu gostaria. Apareço por onde não se me espera, testemunho como ofício a dor alheia, a incerteza vincular e a falta de projeto. Nego-me a assistir à tragédia que se desova na minha calçada, em minha porta. Diante dos meus olhos, uma força acabada precede abusos impunes, elogios repartidos, sombras substituindo pessoas, homens ocupando o lugar dos humanos e a adulação imitando a confiança. Nos intervalos da minha volta, vivo de alguma maneira.



ESPAÇO DO RISCO

Eu te ofereço o espaço do risco, do profundo existir, da aventura, do indizível porque te confio minhas impensadas faltas de autonomia. O que não penso

e não concebo é que algum dia me pensem como esquecimento. E por todas as considerações não estendo nada porque nada posso mostrar minhas saudades, minhas ansiedades, como segredos aprisionados no meu silêncio para guardá-los como relíquias não expostas. De onde terei o alimento que me mantenha, se desde dentro me encho de ruídos. As fotografias legendam o contado e se expõem à luz, sem omissões, aquilo que organizou a história e deu o direito da narrativa aberta e sem cortes nem censuras. Este funcionamento confirma que o passado não oculta; revela.



AMNÉSIAS

Minhas amnésias estão cheias de recordações, minha solidão é acompanhada pelos que me amaram, as imagens que guardo de meu passado convivem com o meu presente e meu futuro. O tempo não apaga o que quero recordar; eu é que me esqueço de lembrar.

INSISTO EM TE AMAR

Olho o destino, insisto em declarações até que se despertem as recordações cansadas e tristes, reduzo problemas complexos em suposições e fantasias. Algumas anônimas, outras vertendo antigas alegrias vem oferecer-me novamente a ternura prometendo habitar minha solidão e meu deserto. Tenho medo, venho de haver sofrido desbordes. Preparo-me para novas surpresas, saio à procura de atenuantes, romperei o lacre somente em caso de última necessidade se desaparecem as expressões, os recursos mais significativos, as palavras ficarem desalojadas, insuficientes, dando-me respostas falsas. Vejo um estado de defesas relativas aos medos de que nossos planos comuns se possam acabar.

De acordo com as promessas de amor, nossas declarações de amor se farão suficientes para considerar uma nova tentativa. Disfarço minhas evidentes desvantagens diante do que aprendi a temer. Insisto em te amar, evito trágicos desenganos.

PONTO DE PARTIDA

Com as obrigações contraídas, me recolho a reembolsar, a pagar, a reduzir as fraturas me é imposto e devo dar-te um ar que me falta, reconduzir tua vida dando-lhe uma importância e um sentido que perdi.



EU TE PROPONHO

O que fazer do desejo? Ele te inclui admirável e recíproca. Renovo o pensamento determinado a fazer-te minha, tingir tua cama de todas as minhas cores, buscar tuas fendas, beijar-te em todos os ângulos sem obstáculos e em longas horas de carícias premeditadas; deixar marcas permanentes para que nunca mais esqueças as consequências. Tocar-te o peito, legitimarte mulher, inventar uma absurda reiteração de amar-te seguido e muito, converter meu fogo em labareda, fazer escala no teu ventre, deixar pedaços meus dentro de ti, tocar-te até soarem loucas e dissonantes melodias que te lembrem à alma o entusiasmo com que te fiz minha.

SOFRER

O sofrimento ensinou-me, às escondidas, que ele pode ser rebote ao prazer ou sonho acabado.



PLÁGIOS

Perdi tudo o que foi vivido, deixei-o em lugar ignorado. Saio com o propósito de incluir alguns adicionais. Não me pesará significar a dor, deixo tudo nos cantos da casa, ninguém seguirá meus rastros. Sem acordos, fujo da tentação de ficar. Recuso o plágio dessa despedida.



TORTURANTE VAZIO

Pareceu-me algo mais que um desvario acariciar uma longínqua lembrança convertida em bálsamo. Caprichos triviais criam e sustentam o voo dos sonhos. Ando buscando um desejo parecido ao meu para que seja alívio, um consolo que me ponha a degustar o viver.

NÃO HÁ SENTIDO

Percebi as coisas pelo sentido da surpresa, ela apareceu por aqui como algo não mencionado, como um complemento adicional, para evitar sair do ponto de encontro, uma simples espera. Não foi para cobrir, subverter, substituir, simplesmente apareceu, aproveitou a ocasião, exaltou o tempo disposto a novos movimentos, nada tinha uma coisa com a outra, nem interesses recíprocos, mínimos esforços conjugados, suspensos em razões impalpáveis. Não nos afastaram mais, armaram sem saber a chave que abriu a porta da inocência. Parou-se-nos o pulso, o tempo, parou a hora, parou o sol esperando, suspenso, a descida da lua e da luz na montanha. Parados no nada, acompanhados do desconcerto, temerosos, ficamos informando o dia seguinte da desconcentração prevista, da falta de coragem em prestar socorro à ansiedade, estendida entre querer e não querer deixar passar a ocasião. No fim da tarde, acabada a autorização, os pássaros se recolheram, o tempo seguiu passando para divertir as margens e o centro. Olhamos o leito do rio onde viceja a verde vida, vimos acender as luzes da pequenina casa em benigna condição, ficou fácil e gostoso. Seguros pelo encantamento, não pudemos dizer-nos adeus. Caprichosamente, guardamos a pausa e o silêncio, as pequenas adesões, não pedimos coisa alguma.

ESSE AMOR

Lembro do profundo afeto com que te convidei a perfumar a vida inteira com esse aroma que ainda respiro, ainda que soubesse de quanta defesa isso exigiria. Intercedo pelos sonhos, para não os perder, tomo cuidado com os ideais que não se cumprem. Não sei de outras formas de manutenção. Atividades parasitárias se ocupam em nivelar a nostalgia, a renúncia, a surpresa, a desigualdade, a injustiça, o ressentimento. Perco o interesse naquilo que invisto como uma repetição.



AFLIÇÃO DOIS

Uma antiga e sepultada memória guarda tudo como se fosse verdade, me explica meus delírios construindo meu passado al acaso, querendo reverter um adeus que deixou mistérios. Por ali, um ideal que não soube suas fronteiras como forasteiro invadiu minha realidade.

Viaja nos meus sonhos um fantasma de mim mesmo. Que imortal esse viver que deixa marcas e me faz gritar essas canções de ninar, tristes de chorar. Querendo acabar com esses espantos, esses lutos delirantes que não encontram paz quando busco amparo nesse amor que é mais que amor, pedindo que me deixem em paz com todas minhas saudades. Um perdão inventado por mim grita, afugenta essa assombrosa solidão que me reduz a uma falsa eternidade, a algumas penas que fazem meu destino de todos.

Ossos desgastados pela vida me fazem recordar esses sonhos distantes, lembranças que são quase um desconsolo, uma resposta ao não realizado. Meu passado, esse escondido que vibra em mim, não me deixa perder de vista a inocente e real crença de que os sonhos ainda me alimentam.

AS FONTES QUE ME INSPIRAM

As numerosas fontes que me inspiram a vida são alegorias a dar sentido à minha imaginação. Orientam uma sensibilidade que evoca o amor como referência explícita para torná-lo presente e convicto onde menos espero. Fico subordinado ao modo dele sempre refazer em mim novas tentativas. Todos os capítulos da minha vida são conservados como documento antigo. Neles reúno o não cumulativo que me faz singular, mensageiro da minha história em qualquer época; reagrupa os mil exílios que vivi. Esses guardados são como uma literatura não publicada, jorram das fontes que me inspiram, são fragmentos, uma quase antropológica maneira de tornar preciosa a única vida que me coube, para criar um enredo com possibilidades de refugiar-me em paz nas fontes que me inspiram.

DAS OFERTAS

Ofereço-te meu amor, que é o único que tenho. Às vezes ele se declara, me contradiz, desfila como um herói sem rumo, como rei degradado, como um pobre ofendido. Fica supérfluo quando se instala onde não é chamado; humilhado e desprotegido, sobrevive, alimenta meus sonhos, vive de emprestar-me algumas restantes convicções, acaricia minhas fragilidades, acalma minhas dores, guarda o melhor para, à noite, dar sentido a meus sonhos.



ESPERA

Padeço dos males que todos os que amam padecem. Convoquei a amada ininterruptamente, prestigiei seu nome, proclamei acolher dobrado, dei sinais com gestos, olhares, silêncios, infindáveis esperas, risos frouxos, vocação duplicada, palpitações, sinais regulares de lirismo e segredos compartilhados. Celebrei

quando me ofereceste o que todos queriam.
Chegaste como uma seta no alvo, aconteceu,
oportunistaste-me encontrar-te, vieste a tempo de
assistir-me primaveril. Menti que inventei um poema de
Vinicius, que fui autor de um livro que ensina a cuidar
e que me livreis de todas as amarras para te presentear
o mundo, que te farei todos os gostos, que meus ciúmes
serão suportáveis, que controlarei as distâncias, que
curarei cicatrizes e que, se tiver que partir, deixarei
algumas apenas mágoas e muitas saudades



TEMPO

Entre os olhos que distinguem, existem mágicas descobertas sobre as coisas vistas. As fantasias se acrescentam quanto mais me chegam os anos. Diminui-me o medo de viver entre harmonias espalhadas. Nas coisas mais elementares como um movimento, uma cor, um vento, um pôr-do-sol, faço descobertas das numerosas formas que despertam o encanto da

apreciação. Sem a pressa dos últimos anos, me subordino à exigência de ter tempo para deixar acontecer. Quando acontece, saboreio o acaso. A vida escolhe através do espírito amadurecido pela experiência. Torno diverso o mesmo sentir de sempre, dou-lhe a forma com outro contorno, embora nele veja o de sempre, esse meu jeito mediterrâneo de sentir exagerado.



CANTA CORAÇÃO

Canta, coração, uma canção sem tormentos, sem dores, com um começo cheio de venturas e lembranças. Esqueça as mágoas para refazer o milagre da inovação e da renovação misturadas, passando a limpo as desesperanças e as baixezas que acompanharam algumas despedidas. Evoca algum anjo menos atormentado para renovar as esperanças, para fazer menores as dores, os fins e os descaminhos.

Qual tom deverá ter a flor que atraia e não traia? Qual dom deverá ter a música que te faça parar o tormento

e dê o tom ao ouvido? Quem será a pauta que te fará compositor? Que tolerância e desconcerto farão o concerto?

Canta, coração, para que meus inimigos saibam o que foi feito das informações esterilizantes que me ofereceram.



Roberto Curi Hallal

